

"O CORPO COMO LUGAR DO SER"

Texto de: Hugo Ferrão

As pinturas e gravuras de Carlos Eirão dão continuidade e afirmam um projecto artístico em que a evocação do corpo, como lugar do ser, é constante, é manifestação de significação existencial. As obras que fazem parte desta mostra propõem ao observador espaços encantatórios e silêncios pictóricos, decorrentes de figurações fragmentadas de imagens, cuja centralidade imagética é povoada por perfumes, desejos e paixões femininas, que se revelam plasticamente por intermédio de sugestivas transparências e velaturas. A representação destes corpos de mulheres é desenhada pela luz que modela e cria a ilusão de volumetria, as formas diluem-se nos fundos intencionalmente inacabados, oníricos que sugerem e focam o olhar numa teatralidade compositiva anunciadora de estereótipos culturalmente impostos e que aprisionam o ser.

Os diálogos entre as figuras são intensificados pelo recurso ao desenho, feito de linhas, que esboçam nas suas sobreposições tentativas de aprisionar a experiência do real, ou recorrendo a riscos sulcados que ferem a superfície dos materiais, que permitem a tintagem e a reprodução de uma matriz que subtilmente materializa as emoções profundas do pintor.

Estas obras negam a constante mumificação do eros, que enclausura e desertifica o imaginário, que desde a mais remota antiguidade tem como objecto a fusão do corpo-carne na sua materialidade e do espírito pleno de imaterialidade. A pintura, enquanto acto fundador de civilização, é uma base mítica, em que a imagem-matéria implica a sua inscrição num suporte, sendo indissociável da alquimia da construção desse objecto, enquanto coisa que nasce e passa a habitar o mundo em que existimos. O cromatismo contido, de cores frias, modela o erotismo que se apossa dos corpos pintados, feridos por drippings controlados, depositados e fixados, na superfície da tela, permitindo a estabilização da visibilidade desse objecto-coisa, que possui coordenadas espaço-temporais referentes a memórias, momentos temporais que emergem e recortam de um turbilhão caótico, adquirindo encadeamentos de significação.

Os termos aqua e luz são reminiscências intencionais que Carlos Eirão utiliza nos títulos das suas obras, para instaurar e reforçar a dimensão simbólica que emana destas imagens pictóricas, e que trespassa o observador. É inevitável associar a água a matéria-prima, ao líquido amniótico como fonte de vida, ao invólucro protector do corpo da mulher a quem chamamos mãe. A água feita sensualidade do banho, que se transformou numa temática sedutora de tantos pintores, a água que baptiza e lava os pecados e por intermédio da qual renascemos, somos projectados para um lugar primordial onde o sagrado é revelado e experienciado. Na luz existe em potência o mundo, dar a luz ou dar a luz, desvelar, ascender a luz, a vida espiritual, a divindade como luz, a espiritualidade que ressoa do mistério magnífico que se opera e celebra no corpo da mulher que encarna a própria vida.